

“ISSO É TÃO GAY!” CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A COMPREENSÃO DO PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO

“THAT’S SO GAY!” CONTRIBUTIONS OF BEHAVIOR ANALYSIS TO THE
UNDERSTANDING OF SEXUAL AND GENDER PREJUDICE

¡ESO ES TAN GAY!" CONTRIBUCIONES DEL ANÁLISIS DE LA CONDUCTA A LA
COMPRESIÓN DE LOS PREJUICIOS SEXUALES Y DE GÉNERO

Andress Amon Lima Mattos¹, Felipe Maciel dos Santos²

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4046

Recibido: 15/12/2025 | Aceptado: 17/12/2025 | Publicación en línea: 08/01/2026.

RESUMO

Este artigo discute o Preconceito Sexual e de Gênero, a partir da Análise do Comportamento, uma teoria psicológica. Com a discussão, destaca-se seus efeitos sobre a saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+ e sua relação com práticas sociais cisheteronormativas. Apresenta-se uma revisão conceitual sobre diversidade sexual e de gênero, problematizando o uso do termo “homofobia” e defendendo nomenclaturas mais amplas e inclusivas. O texto revisita o papel histórico da AC em práticas de conversão sexual, evidenciando sua ineficácia e impactos nocivos, além do reposicionamento ético da Psicologia e da AC em defesa das sexualidades não-cisheterossexuais. O estudo realizou um levantamento em revista especializada para identificar produções comportamentais sobre PSG, encontrando apenas dois artigos, ambos conceituais, publicados recentemente. Os resultados apontam que a área ainda carece de pesquisas aplicadas e experimentais que subsidiem tecnologias de enfrentamento ao preconceito. Destaca-se a importância de ampliar investigações para promover práticas científicas comprometidas com a superação de problemas sociais relevantes.

Palavras-chave: Behaviorismo Radical. Homofobia. Psicologia. Violência.

ABSTRACT

This article discusses Sexual and Gender Bias from the perspective of Behavior Analysis, a psychological theory. The discussion highlights its effects on the mental health of LGBTQIAPN+ individuals and its relationship with cisheteronormative social practices. A conceptual review of sexual and gender diversity is presented, problematizing the use of the term "homophobia" and advocating for broader and more inclusive nomenclatures. The text revisits the historical role of Behavior Analysis in sexual conversion practices, highlighting its ineffectiveness and harmful

¹ Mestrando em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: a.mattos.l@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6007-2109>

² Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2282-7784>

impacts, as well as the ethical repositioning of Psychology and Behavior Analysis in defense of non-cisheterosexual sexualities. The study conducted a survey of specialized journals to identify behavioral publications on sexual and gender bias, finding only two articles, both conceptual, recently published. The results indicate that the area still lacks applied and experimental research to support technologies for confronting prejudice. The importance of expanding research to promote scientific practices committed to overcoming relevant social problems is emphasized.

Keywords: Radical Behaviorism. Homophobia. Psychology. Violence.

RESUMEN

Este artículo aborda los sesgos sexuales y de género desde la perspectiva del Análisis de la Conducta, una teoría psicológica. La discusión destaca sus efectos en la salud mental de las personas LGBTQIAPN+ y su relación con las prácticas sociales cisheteronormativas. Se presenta una revisión conceptual de la diversidad sexual y de género, problematizando el uso del término "homofobia" y abogando por nomenclaturas más amplias e inclusivas. El texto retoma el papel histórico del Análisis de la Conducta en las prácticas de conversión sexual, destacando su ineficacia e impactos nocivos, así como el reposicionamiento ético de la Psicología y el Análisis de la Conducta en defensa de las sexualidades no cisheterosexuales. El estudio realizó una encuesta en revistas especializadas para identificar publicaciones sobre comportamiento sobre sesgos sexuales y de género, encontrando solo dos artículos, ambos conceptuales, publicados recientemente. Los resultados indican que el área aún carece de investigación aplicada y experimental que sustente tecnologías para enfrentar los prejuicios. Se enfatiza la importancia de expandir la investigación para promover prácticas científicas comprometidas con la superación de problemas sociales relevantes.

Palabras clave: Conductismo Radical. Homofobia. Psicología. Violencia.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Preconceito pode ser entendido como um conjunto de atitudes culturalmente condicionadas com relação a determinado grupo social ou indivíduo (Mizael & de Rose, 2017), pelo simples fato dela fazer parte dele, ou então, que faça alusão a este grupo. Neste caminho, parafraseando Cravo (2024), o Preconceito sexual e de Gênero (PSG) é definido como um conjunto de comportamentos negativos contra pessoas não-cisheterossexuais, possibilitando a leitura de que pessoas que não se identificam enquanto cis ou heterossexuais fogem da ótica estrutural ideológica binária homem/mulher vigente na sociedade e que por isso precisam ser extirpadas a fim de se manter a ideologia heterossexista pautada no tradicionalismo moral.

Evidências empíricas apostam que há uma maior prevalência de transtornos mentais em sujeitos homossexuais quando comparados a pessoas heterossexuais (Lawrenz, 2023). É possível afirmar que existe uma relação direta entre discriminação sexual e de gênero e índices negativos relacionados a saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+, principalmente quando fala-se sobre sintomas de:

[...] estresse psicológico, ideação suicida, ansiedade e depressão. Sobre esse último diagnóstico, a PNS de 2019 identificou que a prevalência de depressão já diagnosticada por médicos ou profissionais da saúde mental foi superior em pessoas bissexuais, 20,1%, e em lésbicas e gays, 13,2%, se comparada aos diagnósticos para pessoas heterossexuais, 10,1%. (Bulgarelli *et al.*, 2024, p. 49).

Sobretudo, tratando-se de pessoas Transgênero, Transsexuais e Travestis (TTT), os dados são ainda mais alarmantes. Segundo matéria de Pinto (2025), estima-se que 42% da população TTT já tentou suicídio alguma vez e que 85,7% dos homens trans já pensou ou tentou em cometer suicídio.

Como apontado pelo dossiê de assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024 da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), apesar de uma redução da violência, pelo 16º ano consecutivo, o Brasil segue sendo o país que mais mata pessoas LGBTQIAN+ no mundo, mesmo sendo um Estado onde ser um membro da diversidade sexual não seja considerado crime perante a lei, nas ruas, nas instituições e na sociedade, ser uma pessoa LGBTQIAPN+ parece ser justificativa suficiente para que essa população seja largada ao ostracismo, perseguição e apagamento (Benevides, 2025).

Outro dado importante, é o apontamento das pesquisas que a exposição a terapias ditas como de “conversão sexual”, ou “cura gay”, como ficou popularmente conhecida, está diretamente associada ao aumento de patologias como depressão, ansiedade e risco elevado de suicídio. O assunto será melhor elaborado nos próximos tópicos a fim de entender como essa prática proibida no Brasil afeta a diversidade sexual.

POR QUE FALAR SOBRE PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO?

O PSG representa área de importante enfoque de pesquisa, estudo e intervenção a partir de diversas perspectivas psicológicas. Sobretudo, tratando sobre preconceitos com minorias

sexuais e de gênero, como LGBTfobia, Bifobia, Lesbofobia, Homofobia, Transfobia, preconceito contra mulheres, sejam essas cis ou trans, caracteriza-se como tema relevante para Psicologia, a partir de abordagens como a Análise do Comportamento (AC), que "fundamentada no Behaviorismo Radical, propõe análises baseadas na história dos organismos, demonstrando como determinadas respostas tem suas probabilidades de ocorrência modificadas com base nas consequências dessas respostas" (Mizael, 2018, p. 17). Pensar em previsibilidade de comportamento e da interação AC e questões sociais, a partir de teóricos importante como Skinner, Moore e Holland, é estudar as possibilidades de superação de questões sociais relevantes como: "a má distribuição de renda, o racismo, a fome, o sexismo, entre outros" (Mizael, 2018, p. 17).

Tema de extrema relevância social e que afeta parte significativa da população, entender o que é o preconceito e como ele afeta essa população se faz tema de pesquisa e intervenção também para a área comportamental. Para tanto, é necessário saber o que a Análise do Comportamento tem falado e contribuído para a temática que por muito tempo pareceu não ser área de interesse de behavioristas.

Para AC, preconceito, pode ser entendido ainda enquanto "uma classe comportamental controlada por estímulos (e.g., características pessoais e grupais) socialmente relacionados com atributos negativos e depreciativos" (Cravo, 2024, p. 42), sendo que o grupo social com maior influência irá delimitar as relações de poder, priorizando sobretudo a si e seus privilégios em detrimento da diversidade humana.

Sabendo-se disso, e objetivando inserir terminologias importantes antes de discutir as produções encontradas neste levantamento, serão apresentadas discussões acerca de como Diversidade Sexual e de Gênero são entendidas numa leitura analítico comportamental e quem são os corpos que fazem parte dessa discussão.

Outrossim, discussão acerca da utilização da terminologia Homofobia diante de sua maior aplicação em contraste com o termo Preconceito ou Discriminação contra Diversidade Sexual ou Minorias Sexuais a fim de se englobar mais indivíduos pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+.

E por fim, uma reflexão sobre a trajetória da Análise do Comportamento no desenvolvimento histórico de ditas como Terapias de Conversão Sexual e as afetações que essas intervenções causaram e ainda causam nessa população.

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO, MINORIAS SEXUAIS E POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: DE QUEM ESTAMOS FALANDO ?

A diversidade/minoria sexual e de gênero se faz como categoria guarda-chuva utilizada para cobrir todas aquelas pessoas que se identificam ou categorizam com identidades que fogem às normas cishetossexuais. O Termo LGBTQIAPN+ é amplamente utilizado como uma sigla que agrupa diversas identidades sexuais e de gênero que não costumam corresponder a essa norma heteronormativa, sobretudo, fazendo alusão a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários. O símbolo mais (+) ao final da sigla indica a abertura para a inclusão de diversas outras identidades que também fazem parte da diversidade sexual e de gênero.

Na perspectiva comportamental, gênero e sexualidade não são categorias discretas ou inatas, mas sim, construções sociais que se dão pelos três níveis de seleção de maneira complexa. O preconceito contra a diversidade surge do processo de “generificação”, que como explicitado por Cravo (2024) é mantido pelas culturas ocidentais, que consiste na atribuição generalizada de rótulos e papéis de gênero a estímulos e comportamentos. “Este processo consiste na atribuição generalizada de rótulos e papéis de gênero a estímulos e comportamentos com base nas diferenças anatômicas e fisiológicas entre machos e fêmeas, ou em extensões metafóricas dessas diferenças” (Cravo, 2024, p. 26-27).

As categorias de gênero estabelecidas binariamente, apesar de sua naturalização social, não se referem a estruturas internas, essencialistas e inatas, mas aos efeitos comportamentais de contingências sociais muito bem estabelecidas e discriminadas que moldam os comportamentos dos membros da sociedade. Segundo Kimmel (2022), desde a concepção até a vida adulta, os seres humanos são expostos a contingências sociais de reforçamento que estabelecem consequências diferenciais para os corpos identificados ao nascer com vulva ou com pênis.

HOMOFOBIA OU PRECONCEITO CONTRA MINORIA SEXUAL ?

A utilização da nomenclatura homofobia se dá de maneira corriqueira tanto no meio acadêmico, quanto social. O termo é utilizado no judiciário e também nos meios de comunicação, autores como Nardi e Bolton (1991) e O’Brien (2001), vão definir a homofobia enquanto uma expressão coloquial, de uso popular, utilizada para exprimir atitudes e comportamentos negativos,

de medo ou de ódio, contra gays e lésbicas, de maneira mais abrangente, a violência contra membros que façam parte das minorias sexuais.

No entanto, documentos científicos apresentados mais recentemente, têm apontado o termo homofobia como alvo de críticas por diversos motivos. Como destaca Herek (2004), a grande parcela das atitudes negativas voltadas a pessoas LGBTQs não sustentam a noção de fobia, uma vez que os dados apontam a raiva e a aversão como sendo às respostas emocionais mais frequentes.

O sufixo "fobia", por exemplo, remete a uma condição psiquiátrica de medo/aversão, o que implica um viés individualizante e de patologia a um fenômeno unicamente social. Bem como a utilização do termo de maneira mais abrangente, para outra parcela da diversidade sexual acaba ficando restrito, uma vez que o prefixo homo, restringe o fenômeno para questões que tangem a sexualidade, sobretudo para homens gays. (Cravo, 2024, p. 39)

Pensadores brasileiros, como Costa e Nardi (2015) vem utilizando o termo ‘preconceito contra a diversidade sexual’, uma vez que preconceito diz respeito a “atitudes hostis direcionadas a um grupo e seus membros”, que aparece como uma alternativa mais abrangente.

PSG e/ou Preconceito contra Diversidade Sexual, podem ser utilizados também e no mesmo caminho são definidos como um conjunto de comportamentos e afetos negativos contra pessoas não-cisheterossexuais (Cravo, 2024, p. 91).

Este conjunto de comportamentos preconceituosos é multideterminado e é um produto direto da sociedade heteronormativa, que estabelecem a cisgeneridade e a heterossexualidade como uma regra para os comportamentos públicos e privados.

A Análise do Comportamento, ao investigar o PSG (ou homofobia) funcionalmente, caracteriza-o como um conjunto de respostas aprendidas e selecionadas pelas contingências sociais. O preconceito é interpretado como um comportamento operante discriminado, ou seja, sob controle de diferentes propriedades dos estímulos (Moreira, Santos & Cameoka, 2021).

BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E AS “TERAPIAS” DE CONVERSÃO SEXUAL OU “CURA GAY”

A Análise do Comportamento (AC) teve um papel histórico complexo e controverso em relação às ditas práticas de modificação da orientação sexual, que atualmente são proibidas pelo Conselho Federal de Psicologia no Brasil. Na década de 1970, analistas do comportamento

publicaram em revistas científicas renomadas experimentos violentos que visavam modificar comportamentos de gênero e orientação sexual. Uma revisão de artigos do Journal of Applied Behavior Analysis (JABA) entre 1968 e 2010 mostrou que metade dos dez artigos encontrados patologizava a homossexualidade, e em dois deles houve uma tentativa explícita de alterar a orientação sexual ou papéis “sexualmente desviantes” usando procedimentos aversivos (Mizael, 2018).

O objetivo dessas práticas aversivas, baseava-se na busca por causas biológicas ou genéticas que explicassem a homossexualidade, uma busca criticada por autores da AC, como Malott (1996), por se basear na noção indevida de que a homossexualidade era uma doença, refletindo o preconceito dos próprios pesquisadores. O que por si só já representa uma forma de preconceito, visto que, não se tem pesquisas de igual maneira a fim de explicar a heterossexualidade.

Carvalho, Silveira e Dittrich (2011) apresentam alguns argumentos baseados na biologia, para salientar o quanto as explicações pautadas em questões biológicas poderiam ser dadas também a partir da aprendizagem, e que correlações não são suficientes para definir a homossexualidade como algo genético, uma vez que aspectos ambientais, como o estresse podem, de fato, ocasionar mudanças cerebrais. Uma crítica ao modelo médico também é feita, e os autores comentam que este modelo pode ter influenciado pesquisadores a quererem buscar “genes homossexuais”, mas não “genes heterossexuais”.

Apesar da defesa por alguns pares, a literatura demonstrou a ineficácia e os efeitos nocivos dessas terapias. Uma revisão de 2009 da American Psychological Association (APA) sobre os Esforços de Mudança da Orientação Sexual (SOCE) concluiu que as mudanças alegadas raramente tinham manutenção, e pouquíssimos pacientes conseguiam reduzir a atração pelo mesmo sexo. Mais criticamente, os resultados mostraram que tais terapias (baseadas em condicionamento aversivo) resultaram em reações adversas graves, como “depressão, ideação suicida, perda da atração sexual geral, impotência e transtornos de ansiedade” (Mizael, 2018, p. 23).

A American Psychological Association (APA), em 2009, deixou explícito que a atração, o comportamento sexual e a orientação voltada ao mesmo sexo são variantes positivos e normais da sexualidade humana.

Para complementar, a APA deixou explícito que a atração, o comportamento sexual e a orientação voltada ao mesmo sexo são variantes positivos e normais da sexualidade humana, e que nenhum estudo empírico ou revisado por pares encontrou resultados que apoiem teorias que relacionam a orientação homossexual a traumas ou disfunções familiares (APA, 2009).

Como resultado do que foi apresentado e em conformidade com os dados de ineficácia e risco, a postura ética e profissional atual da Psicologia, em consonância com a AC, é o veto total a essas práticas. Os psicólogos brasileiros não podem oferecer qualquer tipo de terapia que proponha uma espécie de "cura" ou modificação da orientação ou prática sexual, bem como pontua a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (1999).

A intervenção terapêutica deve ser voltada à aceitação, ao entendimento da homofobia como uma prática social bastante reforçada, e ao desenvolvimento de formas de superação das opressões sofridas. Assim, o compromisso da Análise do Comportamento Brasileira, diferentemente de publicações do Norte-global dos anos 70, tem adotado uma posição afirmativa sobre sexualidades e gêneros não-cisheterossexuais (Cravo, 2024).

Deste modo, fazer um levantamento acerca do que a Análise do Comportamento vem discutindo os temas sobre preconceito sexual e de gênero, bem como de que maneira se dá este delineamento, se faz importante à medida que produzir pesquisas relevantes na área a partir dessa temática, é fator preponderante na produção de conhecimento para superação de problemas sociais relevantes.

Diante disso, o presente estudo teve por objetivo quantificar e analisar artigos publicados no período Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC), que possui grande relevância na área.

METODOLOGIA

A equipe de pesquisa foi constituída por dois pesquisadores, os quais ficaram responsáveis por analisar o conteúdo elementar da busca. A pesquisa foi realizada no mês de agosto de 2025, no sítio eletrônico do periódico Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC).

A RBTCC foi lançada pela Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC) em 1999, com o objetivo de publicar “artigos com conteúdo experimental, conceitual e aplicado de quaisquer áreas do conhecimento e da atividade humana; com abordagem

comportamental, principalmente, mas não somente, baseados na Análise do Comportamento” (Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva [RBTCC], 2015). A RBTCC, segundo Amaral (2016), era, primeiramente, uma publicação semestral, isto é, eram publicados apenas dois números por ano. A partir de 2011 e até o momento deste estudo, a RBTCC conta com uma publicação quadrimestral, isto é, três números por ano.

Para a realização deste trabalho, foram consultados todos os volumes publicados. Os termos de busca foram: Preconceito sexual; Preconceito; Lgbtfobia; Homofobia; Lesbofobia; Bifobia; Transfobia. A utilização desses termos foi selecionada por atingir de forma mais precisa o objetivo desta pesquisa de localizar capítulos que relacionassem preconceito sexual e de gênero e AC.

Foram coletadas informações sobre (a) autor(es), (b) instituição, (c) título do capítulo, (d) objetivos do capítulo, (e) método, (f) resultados apresentados; (g) conclusões apresentadas e (h) dados da publicação (ano, periódico, número, páginas inicial e final). Com o término da busca, os dois pesquisadores responsáveis por essa tarefa avaliaram os resultados encontrados.

Passada a averiguação do conteúdo encontrado, fez-se uma análise por meio da leitura integral do material, classificando os textos em (1) aplicado, (2) conceitual/histórico e (3) experimental. Para o valor de concordância, adotou-se como critério de aceitação, o valor de 90% de concordância, como em Borri e Souza (2024). Nos casos de discordância, a equipe discutiu os resultados e, se necessário, realizou nova classificação. Para coleta, tratamento e análise de dados foi utilizado o programa Microsoft Excel, versão 2010.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da busca e do uso dos critérios de inclusão, foram encontrados dez artigos publicados no periódico da RBTCC, dos quais, a partir dos critérios de exclusão, restaram apenas dois artigos. Percebe-se que o artigo *Revisão de Literatura: Gênero na Prática Clínica Analítico-Comportamental* de Silva, Chalella, Picoli e Aggio foi publicado no ano de 2024, e o *Dimensões ético-políticas em publicações da análise do comportamento brasileira* de Flores Júnior e Laurenti publicado no ano de 2025.

É possível perceber a partir da leitura de ambos os textos, que as publicações destes artigos foram realizadas nos últimos dois anos, sendo ambos de revisão de literatura acerca das produções analítico comportamentais e temas relacionados a preconceito e gênero, sendo o tema da

sexualidade e minorias sexuais tratado de maneira tangencial. Os artigos são, em sua totalidade, escritos em grupos e são oriundos de instituições das Regiões Sul e Sudeste do Brasil. Quanto à classificação, constata-se que os dois são histórico/conceitual, não havendo artigo aplicado ou experimental.

Com a identificação e análise dos artigos encontrados, é possível perceber que o assunto vem sendo abordado de maneira ainda substancial pela área, sobretudo, em um delineamento de identificar como os pares vêm abordando os temas relacionados ao preconceito sexual e de gênero dentro da AC, carecendo, sobretudo, de pesquisas teóricas e aplicadas que experimentalmente, a fim de se produzir tecnologias que auxiliem no combate a práticas sociais preconceituosas e na extinção de comportamentos negativos acerca da diversidade sexual.

Em suma, os artigos abordam como as produções em AC têm tomado um delineamento mais claro em produções que levem em consideração a temática do gênero e da diversidade sexual, com um posicionamento crítico acerca de práticas não condizentes e com discursos preconceituosos, desta forma, se posicionando de maneira veemente contra o histórico vexatório que alguns pesquisadores causaram na história da Análise do Comportamento.

CONCLUSÃO

Pesquisar e fazer ciência tem se mostrado a maior arma contra o negacionismo e a ignorância. A Análise do Comportamento, enquanto ciência, se propõe a investigar e contribuir para previsibilidade e controle de comportamentos, podendo assim, auxiliar na superação de problemas sociais relevantes.

O preconceito sexual e de gênero, se apresenta como uma classe comportamental controlada por estímulos com atribuições negativas e depreciativas. Investigar mais sobre de que maneira os comportamentos preconceituosos afetam a vida e o comportamento dos indivíduos, a partir da leitura de uma ciência comportamental comprometida e séria, se faz fator preponderante para a adoção e prospecção de medidas que sejam efetivamente resolutivas e pautadas em pesquisas e comprovação científica.

O que nota-se a partir do levantamento realizado, é que a AC caminha a passos ainda vagarosos, mas no caminho certo na produção de um pensamento crítico alinhado à produção de conhecimento humana e justa.

Em razão do pequeno número de documentos encontrados e analisados, orienta-se que

outras pesquisas possam avaliar demais periódicos da área, objetivando assim ter uma compreensão mais abrangente sobre preconceito sexual de gênero, com a diversidade sexual e de gênero, objetivando a superação de problemas sociais que afetam a saúde mental e toda a estrutura humana da sociedade. Pesquisar sobre temas que afetam de maneira tão latente uma parcela significativa da população se faz o compromisso de uma psicologia séria e política.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), via concessão de bolsa de mestrado ao primeiro autor.

REFERÊNCIAS

- Amaral, I. M. (2016). *Para uma história da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC): uma revisão de suas publicações*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- American Psychological Association (APA). (2009). *Report of the task force on appropriate therapeutic responses to sexual orientation*. American Psychological Association.
- Benevides, B. G. (2025). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*. Distrito Drag; ANTRA.
- Borri, V., & Souza, F. M. S (2024). Data for a history of Behavior Analysis in Mato Grosso do Sul. *RGSA (ANPAD)*, 18, e05801.
- Bulgarelli, L. et al. (2024). *População LGBTQIA+: diversidade, direitos e acesso a serviços de saúde no Brasil*. Fundo de População das Nações Unidas.
- Carvalho, M. R. A., Silveira, J. M., & Dittrich, A. (2011). Tratamento dado ao tema “homossexualidade” em artigos do Journal of Applied Behavior Analysis: Uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 7, 72-81.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (1999). *Resolução nº 1, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual*. Conselho Federal de Psicologia.
- Cordeiro Silva, A., Rossetti Chalella, G., Picoli, A., & Aggio, N. M. (2024). Revisão de Literatura: Gênero na Prática Clínica Analítico-Comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 26(1), e241965.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715–726.

- Cravo, F. A. M. (2024). **Preconceito sexual e de gênero sob a ótica da análise do comportamento: investigações teóricas e aplicadas**. (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- Flores Júnior, C. R., & Laurenti, C. (2025). Dimensões ético-políticas em publicações da análise do comportamento brasileira. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 26(1), e242013.
- Herek, G. M. (2004). Beyond “Homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. **Sex Research & Social Policy**, 1, 6–24.
- Kimmel, M. (2022). **A sociedade do gênero**. Vozes.
- Lawrenz, P. (2023). O manejo do estresse de minoria e suas repercussões para a psicoterapia afirmativa. Em: M. M. Ramos, & E. C. Santos (Eds.), **Manual de Terapia Afirmativa: um guia para a psicoterapia com pessoas LGBTQ+** (pp. 53–64). Afirmativa.
- Malott, R. W. (1996). A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, 6(2), 127-140.
- Mizael, T. M. (2018). Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, 9(1), 15–28.
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: possibilidades de interpretação e desafios. **Acta Comportamental**, 25(3).
- Moreira, M. B., Santos, B. S. R., & Cameoka, M. C. (2021). Preconceito e controle de estímulos. Em A. R. Fonseca Júnior, L. F. Kirchner, & C. A. A. Rocha (Orgs.). **Comportamento em Foco: ciências do comportamento – teoria, método e aplicação. v. 13** (pp. 44–58). ABPMC.
- Nardi, P. M., & Bolton, R. (1991) “Gay-Bashing”: Violence and Aggression Against Gay Men and Lesbians. **Advances in Psychology**, 76, 349-400.
- O’Brien, J. (2001). Heterosexism and Homophobia. Em N. J. Smelser, & P. B. Baltes (Eds.), **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences** (pp. 6672–6676). Elsevier.
- Pinto, W. (2025). **População LGBTQIA+ ainda enfrenta barreiras e discriminação no acesso à saúde**. Central Única dos Trabalhadores (CUT).
- Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (2015). Recuperado em www.usp.br/rbtcc